

Para além do grotesco: o graffiti em Vitória 2005-2015

Identificação:

Grande área do CNPq.: Ciências Humanas, Linguística Letras e Artes

Área do CNPq: Artes

Título do Projeto: Entre o Kitsch e o grotesco: a arte pública no ES ao longo da BR 101.

Professor Orientador: José Aparecido Cirillo

Estudante PIBIC/PIVIC: Isabela Machado Breda

Resumo:

O graffiti em Vitória tem crescente visibilidade entre os anos 2005 a 2015 a pesquisa feita de forma exploratória, caracterizando-se como um estudo de caso do modo como se instituiu, pois recolhe-se dados, a partir de entrevistas com os compositores dessa cena e desse recorte, em que somatiza-se numa linha do tempo dos acontecimentos em torno do movimento do graffiti capixaba. No Espírito Santo processa, circula, articula e produz essas criações das intervenções urbanas, onde observou os estilos, as técnicas, as apropriações, as linguagem, influências e as relações sociais, políticas e transgressoras juntamente com o aumento dessa produção na cidade e para a cidade. Deparando-se com o crescimento do graffiti na urbe do ES, pôde-se contar alguns relatos da trajetória dos sujeitos que compõem no estado um elemento da paisagem urbana.

Palavras chave: *Arte pública, arte de rua, graffiti, graffiti capixaba.*

1 – Introdução:

A prática humana de intervir artisticamente em espaços comuns acompanha a própria origem da humanidade e sua necessidade de comunicação dentro da cidade, característica do ambiente físico que limita a vida social, mas que também é seu produto, refletindo essa prática social que há no graffiti em que os seus sujeitos se apropriam e modificam a paisagem através da comunicação visual JUNGE(2011).

Com inúmeras pesquisas repetitivas pelo tema graffiti, não cabe, então, introduzir neste artigo os sumérios, ou então, por mais uma vez, mencionar TAKI 183 como uma introdução da pichação/pixação¹, muito menos traduzir a palavra graffiti do italiano, da qual Zaidler² (2013) dissertou sobre quão incoerente pode ser a palavra traduzida para grafite.

Traz-se aqui, o graffiti como o ato de inserir, intervir, comunicar e de se expressar de maneira a transgredir, com o foco na prática ilegal, comumente chamado de vandal. A cidade - tratada agora como objeto - dos mais

¹A pichação na essência, é uma ação de transgressão para marcar presença, chamar atenção para si ou para alguma causa por meio da subversão do suporte. p 35 LASSALA (2010).Pixação é um tipo específico de pichação, caracterizada pela competição por visibilidade, possuindo gramática própria, não sendo entendidas pelo público leigo, somente porpixadores p 36 LASSALA (2010).

²Estabelecer distinção de graffiti e grafite revela, inequivocamente, um esforço na manutenção da exclusão social. p 140 Waldemar Zaidler

diversos suportes que oferece, como muros, portas, portões, trens, prédios, lugares abandonados, cabines e até as calçadas, tem em seu resultado estético uma linguagem particular, associada a consequência do ato. Apresenta-se também os praticantes dessa cena no estado, com seus pseudônimos, uma vez que são caracterizados e associados ao tipo do grafite, e, também, devido a repressão que ocorre pelo poder legislativo. Evidencia-se agora a cidade como um conjunto: da cidade – o pertencimento; na cidade -onde ela surge; e para a cidade –para quem transmite. A respeito de uma cena em que pode-se considerar a cidade – Grande Vitória, como uma rede de uniões em que nelas são proferidas uma determinada cultura, de uma juventude que se manifesta e articula em prol desse movimento (Gimenes, 2015).

A produção de graffiti em todo o Brasil, tem os estados de São Paulo e Rio de Janeiro como precursores de uma cena com intensa produção, efetividade e influência para os outros estados até a atualidade. Metrôpoles de outros estados, como Recife e Belo Horizonte, além da região Norte do Brasil, possuem caligrafia própria e contam com uma cena de graffiti. O graffiti chegou em todos os estados e o intercâmbio de grafiteiros que circula no país se acentua com o avanço tecnológico da internet se faz grande troca de informações, começando paralelamente com a internet meados dos anos 2000.

O graffiti no Espírito Santo - ES tem presença mais evidente nas cidades da Grande Vitória, começando na década de 1980, influenciado também pelo movimento do hip-hop³. Buscar um consenso de local ou de uma data de quando se iniciam essas produções urbanas restringe esse movimento cultural e artístico, pois ele perpassa classes sociais, gêneros e sujeitos de diversas identidades e gerações. O estudo de caso proposto nesta pesquisa compreende-se entre os anos de 2005 e 2015, período no qual pode-se verificar um aumento da produção de Arte Urbana, que modificou exponencialmente a paisagem urbana.

A paisagem urbana⁴ da Grande Vitória possui características diferentes das outras metrôpoles que possuem grandes manifestações do graffiti. A região metropolitana não possui grandes arranha céus e é rodeada pelo litoral, possuindo grande área de manguezal, portos, aeroporto, universidades, ferrovias e intensa urbanização, muito pela condição de Vitória ser a capital, concentrando as tensões que vêm de todo o estado BISSOLI(2011). A cidade conta com uma facilidade de acessos para transitar entre toda a região metropolitana pelo uso do sistema de ônibus de transcol-cidades. Como em toda urbanidade, também se observa na GV a implantação da arquitetura do medo com a construção de grandes muros e aparatos de segurança em vias de principal circulação e de comércio, causando a sensação de estarmos nos cercando de uma certa violência. Nota-se uma grande concentração da prática graffiti pelas Avenidas Reta da Penha, Maruípe, Brasil, Governador Lindemberg, Norte-Sul e Br-101.

Diversos acontecimentos podem ser destacados como alguns dos momentos importantes para o graffiti capixaba: o Mutirão ao Vivo à Cores, na Serra; o 1º Encontro Estadual de Graffiti, em Vila Velha; A Semana do Graffiti do Espírito Santo – ES; a Mostra de Filme sobre pixação no Brasil, em Vitória; a Exposição dos Gêmeos, em Vila Velha; em 2012 e As Jornadas de Junho, em 2013, que ocorreram simultaneamente em todo país.

Durante esse período, as prefeituras metropolitanas também realizaram diversas oficinas de

³Tem sido compreendido como um movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem, que historicamente ganha força nos Estados Unidos no final dos anos 1970 e posteriormente se espalha pelas grandes metrôpoles do mundo. p15 SOUZA (2011).

⁴Conceito relacionado ao meio ambiente natural mas que colocamos num contexto de máximo artifício humano. JUNGE(2011), SANTOS(2011) p604.

graffiti pelas cidades da Serra, Vitória e Vila Velha, o que pôde servir de certo estímulo para a popularização e, conseqüentemente, a visibilidade, do graffiti capixaba, apesar da ação da imprensa ao tentar combater a pichação, que contribuíra para a divulgação do contexto, provocando ibope⁵ entre os praticantes junto com a mídia, ao reproduzir os grafitos na rede.

O graffiti capixaba parece refletir a presença do outro na cidade, o relacionamento desses escritores (MACEDO, 2016) da cidade na transformação e pertencimento desses espaços urbanos. Esta pesquisa, dessa forma, propõe compreender os aspectos que possibilitaram maior adesão ao movimento do graffiti para a formação de uma cena e uma possível face para o graffiti capixaba.

Objetivos:

Pesquisar os fatores influenciadores para maior adesão ao movimento do graffiti no período de 2005 a 2015 no Espírito Santo, além de conhecer a cena do estado por meio dos sujeitos que estão inseridos e relacionar suas poéticas com Arte Pública, compreendendo como os eventos realizados com a temática fez aumentar o número dos praticantes.

3 – Metodologia

Para esta pesquisa, usou-se de uma característica exploratória descritiva, que, por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008). Buscamos compreender aspectos de como se institui e se processa a criação e circulação dessa categoria contemporânea de intervenção urbana. É pois, um estudo de caso que busca a prospecção e descrição de características de uma camada específica da população metropolitana, mais precisamente, dos escritores urbanos, observando como o fenômeno do graffiti se dá nesse recorte temporal e geográfico.

Para tal procedimento investigativo, procedemos com uma pesquisa bibliográfica que permite um levantamento do contexto do graffiti como arte urbana tão quanto prática social, bem como sobre os poucos textos deste contexto capixaba. Além de buscar conhecer as apropriações de palavras, estilos, técnicas, comportamentos sociais e percepções de seus autores, enfrenta-se as ressalvas que alguns grafiteiros têm em conversar com a academia. Macedo (2016) apresenta um panorama do graffiti capixaba que auxiliou a compreender uma história de como os nomes mais proeminentes da cena se articulam na cidade, por meio de vários tipos de enunciados.

A pesquisa de campo envolve, pois, o recolhimento de dados primários e documentais, por meio de entrevistas com os seus produtores - usando gravador, entrevistando os personagens que compõem o movimento do graffiti capixaba. Procurou-se seguir algumas diretrizes básicas para uma entrevista semiestruturada, que parte de simples questões sobre o graffiti, e que permitem a expressão mais livre do entrevistado: como e por que começou; por quê continuar; os momentos mais marcantes; os locais escolhidos e por quê; a história que envolve os sujeitos que nos contam; e quais os nomes expressivos, etc.

Para iniciar as entrevistas, contatou-se com alguns grafiteiros que são alunos Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, visando encontrar nomes proeminentes. A partir do primeiro e de cada entrevistado, por telefone ou pelas redes sociais, esse procedimento inicial permitiu o mapeamento inicial de mais de 30 nomes, tanto da *oldschool* – como são chamados os mais velhos, quanto da *new school*, da qual fazem parte os mais novos (grupo de estudo que envolve principalmente o recorte temporal desta pesquisa).

⁵Representa a busca dos pixadores por fama p 71 LASSALA (2010).

A documentação fotográfica busca criar um banco de dados sobre o processo criativo desses grafiteiros, criando dados que permitirão a análise final da pesquisa. Buscou-se também fazer fotografias das ações realizadas e salvar fotos em redes sociais, para acompanhar tanto o estilo de cada um, quanto a escolha dos lugares e o tipo do graffiti.

Após o levantamento inicial das questões apresentadas, começou-se a observar como os grafiteiros se organizam perante o suporte da cidade, além de documentar, o modo como observamos a cidade que se modifica. Essa percepção ocorreu na metodologia da pesquisa de várias formas. Uma delas foi acompanhar o processo de Moska e Basi que são da mesma crew⁶.

Acompanhou-se, dessa forma, esses grafiteiros em uma ação vandal, na cidade de Vila Velha, em um encontro no qual pôde-se conhecer os *sketch-books* de Basi (despertando material de grande riqueza artística e acadêmica para desenvolvimento de meu TCC) e poder perceber a evolução de seu processo criativo e de sua percepção estética. Nessa observação, nota-se todo um conjunto para se criar a obra, desde o início do seu preparo, da decisão das cores, até a sua finalização. Esta ação se aproxima da temática do LEENA, que aborda o processo criativo dos grafiteiros e toda a interação em que envolveu-se em um legítimo graffiti - o vandal.

Para essa metodologia, somou-se uma nova percepção quanto à pesquisa. Acompanha-se, a partir disso, lugares onde se percebe novos nomes todos os dias, reuniões onde se trocam os nomes como os *black-books*⁷, exposição de um grafiteiro com linguagem de arte de rua e acompanhar eventos de graffiti em que reúne os compositores da cena.

4 – Resultados e Discussões

RESULTADOS

Para apresentar alguns dos resultados obtidos através do colhimento dos dados, foi necessário conhecer os praticantes locais e suas respectivas atuações, portanto, para isso, encontrou-se suas motivações, algumas filosofias, linguagem, processo e estética. Dessa forma, tornou-se essencial reconhecer que os sujeitos que surgem no espaço do recorte temporal apresentam o experimentalismo de todas as técnicas e estilos e estão em trânsito ao construir uma cena que tenha a característica capixaba ou a definir se o caráter capixaba é oferecer todas possibilidades de estilos e técnicas surgindo uma evolução ao dominar as técnicas no pincel, no spray e no extensor.

O Píxo Reto de São Paulo, o Xarpi Carioca, as caligrafias mineiras assim como as tendências advindas mundialmente da internet influenciaram as produções capixabas. Considerou-se para tanto, muitos escritores urbanos, alguns com mais atuação em um determinado ano, uns que nunca deixaram de atuar, uns que pararam por várias motivações, mas que ainda convivem com quem compõe a cena e que continua a pertencer às crews. Há aqueles dizem que nunca vão deixar de colocar seu nome na rua, o que fica claro ao conhecer os sujeitos do movimento, e perceber como a cena cresceu.

Com as entrevistas, coletou-se dados dos eventos que organizam-se em uma linha do tempo com a qual é possível perceber que a *oldschool* e as *crews* influentes se formaram antes do recorte de tempo proposto e tiveram papel fundamental em fomentar e mostrar a produção cultural desde a ética e representação na cena para a *new school* que se forma.

⁶Bando, grupo de grafiteiros entre outras definições.

⁷Caderno onde os grafiteiros guardam, trocam desenhos, tags, poesias, bombs.

A pesquisa resultou num encontro da iniciante em pesquisa com a vocação pesquisadora. Desta pesquisa surgiu a admiração pela Arte Pública e, pelo seu viés na Arte Urbana, principalmente a do espaço capixaba que conta com conteúdos inexplorados pela academia.

Com o empenho que se deu por este meio de pesquisa, passou-se a produzir artigos para variados congressos: o XXI ENEARTE- Encontro Nacional dos Estudantes de Arte, na cidade de Salvador; O Congresso Internacional de Arte, Memória e Filosofia – CAIA, na Argentina; O Congresso Internacional de Crítica Genética, em Ouro Preto; O XIX Congresso de Estudos Literários - Literatura e artes, teoria e crítica feitas por mulheres, na UFES. Para dialogar com esses resultados entre o graffiti, o grotesco e a arte pública, foi necessário em fase inicial compreender o grande nicho de apropriações de palavras, de estilos, de grupos, de formas de percepções da cidade, mostrando que o graffiti consegue atuar em diversas áreas como política, artística e social.

Para tanto, buscou-se em Lassala (2010) uma análise sobre as nomenclaturas utilizadas explicando sobre a taxonomia de como cada expressão no graffiti atua como tags⁸, bombs⁹, graffiti, grafite, pixação e pichação em São Paulo. O uso dessa literatura viabiliza a compreensão das influências trazidas para o estado, evidenciando, então, que o movimento tem sua própria organização, linguagem e ética, o que nos possibilita criar uma categorização flexível da produção estudada.

Zaidler (2013) aproxima a arte de rua com a arte pública em que usa de referência também a cidade de São Paulo, reflete sobre o resgate da formação do olhar da população sobre o espaço público e urbano e aponta que “no espaço urbano, a arte pode ser tanto concebida para se tornar uma referência dentro do caos, quanto idealizada como um desafio a ele” pg126. Para tanto, dialoga com o filósofo Bordieu (1971), podendo relacionar-se diretamente à circulação do graffiti enquanto ritual, pelo fato de encontrar na grande repetição do ato do graffiti na *tag*, ato cultural por excelência, com o mesmo inscrito que o traduz no cenário do graffiti, de um sujeito ou de uma crew. Assim, traz-se a motivação dessa atmosfera grafitacional em Canclini, para o qual “há rituais que existem para efetuar transgressões impraticáveis de forma real e permanente”. O graffiti em sua essência surge para provocar, transgredir e incomodar e o campo da contemplação que alcança apenas museus e galerias agora atravessa o outro na rua, com sua própria linguagem no seu cotidiano. A GV, por sua vez, tem refletido esse movimento buscando sua própria forma.

Para além do grotesco, ECO (2007) estabelece a relação entre a população que não compreende e rejeita o graffiti, com a afirmação de CANCLINI (1997), basicamente resumida na ideia de que o inaceitável de ontem pode ser o belo de amanhã e, entendendo os rituais como movimentos em direção a uma ordem diferente ainda rejeitada pela sociedade que não a compreende.

Nos anos 2000, antes da década recortada, estava começando uma movimentação para o cenário atual do graffiti que ocorria paralelamente aos de hip-hop. O movimento era espalhado pelo Espírito Santo, muito devido ao inaccessibilidade aos materiais, aos altos preços, que levavam os grafiteiros a usar o *latex* tendo em vista a pouca variedade de cores em spray e variedade de marcas. Passou-se a utilizar, então, a técnica da mistura das cores com caneta *Bic*.

A revista Graffiti da Editora Escala de São Paulo circulou entre os anos 2000 e 2008, que influenciou muito os estilos e técnicas, nelas também continha propaganda de lojas nas quais alguns grafiteiros capixabas compravam. A televisão, os cliques de rap, hip-hop, break, skate e outros meios também tiveram relevância para

⁸Significa assinatura e uma forma comum de identificação do autor p 58 (2010)

⁹ Geralmente são letras desenhadas rapidamente, com contornos, preenchimentos e traços para simular volume. P40 Lassala (2010).

o movimento. Com o advento da internet discada por volta de 2004, a rede social *Fotolog* e, logo depois, a rede *Orkut* passaram a ser meios de comunicação e divulgação das produções dos autores da cena capixaba.

Em 2002, criou-se a primeira Zine de Graffiti do ES, nominada de Bombardeio. Fone e Alecs a elaboraram de forma artesanal, reunindo os sujeitos atuantes daquele período, como Chicão, Cyborg, Japão, Lyli, Malcon, Peash, Pipa, Ren, Samuka e Sam. Nessa época, Lyli era a única mulher a pintar e Pipa um francês que veio morar na GV e recebeu a visita de dois amigos, Malcon e Peash. Fone escreveu a mão com uma caligrafia estilo paulista os nomes dos autores, títulos do conteúdo e do editorial (ver figura 1). Na zine, era possível encontrar poesias, produções e falas dos autores. Em 2004, os eventos para o graffiti estavam sendo consolidados, a internet tornava-se mais incisiva e, com isso, Fone e Alecs deram continuidade à produção das Zines com a Emético, divulgaram o I Encontro de Graffiti na Serra e onde mostraram o intercâmbio de Alecs e Fone em Minas Gerais. As crews UGI, Luz do Mundo (LDM), BCL, Conexão 301 (C301) surgiram antes do recorte temporal feito, porém tiveram papel na fomentação do graffiti nesses anos.

O período apresentado, quando a maioria dos entrevistados começaram contou com crescente número de praticantes. Uma das motivações desse aumento foi a maior interação de eventos ligados ao graffiti, junto com diversas oficinas oferecidas pelas prefeituras em conjunto com os próprios autores como Alecs Power, Ficore, Fone, Fagundes, Ed Brow. O próprio movimento foi se articulando e inserindo mais pessoas em suas crews, o que motivou a formação de novas crews. A força da transgressão do ativismo político¹⁰ do graffiti e diversas intervenções urbanas aconteceram e realçaram o graffiti capixaba.

Enfatizou-se nas entrevistas entender as concepções do graffiti para esses sujeitos. O relato de Limão foi esclarecedor para essa compreensão: “graffiti é toda a atmosfera que envolve o ato, o resultado estético é só consequência dessa atmosfera {...} quando é autorizado ainda tem a linguagem estética” ou seja a partir do momento em que há autorização para a realização do ato não se trata mais de graffiti, tendo em vista que não possui o resultado dessa atmosfera, que é o vandal e, assim, os outros entrevistados, como Moska, Fone, Somall, Seda, DGL, Brtz, Zumbi, Natan, Monstros, Sky, Devil, Ren, Pontello e Basi, também compartilhavam da mesma perspectiva.

Não se deve comparar a cena capixaba com as consolidadas de SP, RJ e MG, que conseguiram criar sua tradição em estilo e estética enquanto a do ES ainda se articula. São Paulo, por exemplo, além das referências do hip-hop, conta com a revista *Graffiti* e distribuía alguns materiais mais sofisticados. Djean Kripta exibiu o documentário *Pixo* e os Gêmeos expuseram-nos em museu. Alguns nomes proeminentes da *old school do Rio de Janeiro* como Tira e Aqi, passaram a morar na GV. Minas Gerais contou com a memória de alguns nomes do graffiti como Ficore, Seda, Somall e Moska. Essas influências de outras cenas traz para o estado memórias estéticas que auxiliam em uma categorização para os autores capixabas na pichação: no lettering¹¹, no pixo reto¹², xarpi¹³, grapixo¹⁴.

Estes estilos se desenvolveram pela anatomia de suas metrópoles, sendo que o ES consegue transitar nesses modelos devido suas influências estéticas. GIMENES(2015) traz o relato do grafiteiro Tira, sobre a formação da

¹⁰ Esta pesquisa acredita no conceito de Erika Macedo 2016 p 25 sobre ativismo político dentro do graffiti: “o conceito é entendido, no contexto desta pesquisa, como militância ou ação que pretende gerar transformações sociais e políticas. Utiliza ações pacíficas, violentas ou contra lei visando defender e propagar suas ideias e valores”

¹¹ Caligrafia ou tipografia das letras.

¹² Estilo da pichação de São Paulo.

¹³ Estilo da pichação do Rio de Janeiro.

¹⁴ São letras desenvolvidas por pixadores que ganham volume sombreado e contorno.

pixação “aqui no ES é legal, são muitas influências formando uma cena... pois não seguem muitos regionalismos que acontecem em cenas locais mais antigas” o entrevistado ainda complementa sobre o tipo do material, spray ou rolinho, por determinar estilos como a tag carioca, com o uso do spray e o pixo reto com rolinho. Podemos perceber o uso dos estilos pixo reto exarpi com Devil, Caz, Nilbae, Ficare. [ver figura 2](#).

Acompanhou-se o vandal, [ver figura 3](#) para a observação em uma ação na cidade de Vila Velha, onde os grafiteiros Moska e Basi, ambos da crew C301, começam em um processo para a ação acontecer, antes de sair de casa. Inicialmente, ocorre a *escolta* - a visualização de um potencial suporte/local onde não haverá policiamento, por seguinte, define-se as cores do látex onde preencherão o fundo, quantos sprays e rolinhos serão necessários. Para o processo da ação no local, começa-se marcando suas respectivas letras, pinta-se o fundo e logo depois começa-se com o uso do spray para detalhes bem marcados, contornos, sombreados e luz. Ao observar a produção, pode-se perceber pessoas que transitavam com olhares curiosos, fazendo elogios e ainda contemplar o comentário: “isso sim é arte não é aqueles rabiscos feios que a gente encontra por aí”, que comparou o bomb da C301 com a pixação. Para a conclusão da ação, Moska sentiu-se cansado e não terminou, intencionou-se a volta para o outro dia, então, assim o fez. Basi concluiu que finalizara, porém na volta de Moska ao local, detalhou ainda mais sua produção.

As referências de estética para os autores são os bombs uma linguagem estética de rua com o wild-style¹⁵ e trow-ups¹⁶ feito com técnica e rapidez. O ato de ‘bombardear’, a cidade ganha contornos, texturas, detalhes e cor. Pode-se citar expressões capixabas com o trow-up que é o carimbo de Iran, comum também com Ficare, Moska, Dras, Limão, Ren, Alecs e Fone que se destacam na atualidade e influenciam os representantes da *new school*, como Basi, Natan, Kika, Keka, Voodoo, Zumbi, Starley, Liam, Vtr, Stk, Pirata, Agone, Mills, Pera, Akop entre muitos outros.

Observa-se uma das características que o graffiti possui, considerando as personas - que são personagens que traduzem seu autor e, por sua vez, cria um entendimento visual e comunicativo, fazendo com que o outro consiga interpretar sua imagética e a representatividade que o grafiteiro possui em sua persona. Além disso, esses personagens conseguem aproximar os observadores que não compreendem a manifestação do graffiti, que provoca uma relação de afetividade com essas figuras. Pode-se exemplificar com os homenzinhos amarelos dos Gêmeos, que são famosos mundialmente. No ES, nota-se o G sorridente de Gentil, o cabeça de Apito de Fone, os personas de Somall, Alekito e Dogz de Alex, os animais e personas caricatos de Giu, as personagens femininas de Kika, Moska e Alecs, o índio de Voodoo, o persona verde de Oi, os personas de Natan, o monstro de Monstros.

Os acontecimentos das réús¹⁷, se tornou um estímulo para o encontro e aumento da produtividade, dessa maneira os grafiteiros se organizam para os rolês¹⁸ e realizam networking, onde as gerações de *old e new school* se encontram. As réús tem como características formarem uma agenda - uma lista de presença - onde contém bombs e tags dos grafiteiros presentes nas reuniões ([ver figura 5](#)). Para tal, essas agendas saem do papel e se inserem nos muros da cidade, em que, pode-se observar agendas formando por todos os lugares da GV ([ver figura 6](#)). A primeira réú ocorreu em Vila Velha, embaixo da Terceira Ponte, a Réú da Ponte ([ver figura 5](#)) ocasionou-se em encontros semanais, havendo troca de desenhos, batalhas de *tag*, agendas e *black-books*. Logo

¹⁵ São Letras bem traçadas e coloridas, que causa impacto

¹⁶ Traduz-se do inglês para vômito, geralmente são letras simples que são lançadas rapidamente.

¹⁷ Nominção para reunião, comum o uso no Rio de Janeiro.

¹⁸ Ato de sair para grafitar.

surgiram outras reús como a Reú do Rosário, a Reú CDV ambas no Centro de Vitória e a Reú da Vício de Escrever que ocorreu por diversos lugares. A *Vício de Escrever* também atua virtualmente, contribuindo em prol da memória do graffiti, de forma colaborativa, registra e veicula as inserções que ocorrem pela Grande Vitória por meio das redes sociais.

Com a construção do movimento do graffiti no ES, se estabelecendo de forma majoritariamente masculina ocorre então a formação de um coletivo de graffiti composto apenas com mulheres. O Coletivo Das Mina foi formado em 2011, apresentando-se em um contexto da reivindicação social e de expressão própria, esse grupo de grafiteiras, milita contra a violência da mulher e protagoniza o graffiti feminino pelo simples fato de interrogar e impor a presença feminina no movimento ÁVILA (2011). Neste coletivo, conta –se com Mills, articulando na pixação e fundadora da *Vício de Escrever*, Kika uma das fundadoras do CDM e mais reconhecida do grupo por ter mais tempo pintando nas ruas, além de Amanda, Duda, Nai, Narie, Pera entre outras que articulam a cena do graffiti feminino no estado.

Alguns sujeitos transitam da atmosfera do graffiti para a produção de murais, atuando ainda com uma linguagem estética do graffiti em suas produções autorizadas. Essa transição que leva para a rua produções artísticas são encaradas como Arte Urbana, que traz a linguagem do graffiti de intervir na cidade junto com o campo da contemplação da arte. ALMEIDA (2013) descreve o surgimento do muralismo, chamando esse processo de maturação do *tagging*, incorporando inovações estilísticas, ilustrações, e, portanto o fato de coexistirem no mesmo suporte da cidade. Representantes dessa categoria são Alecs, Fone, Ren, Ficore, Somall, Iran, AQI, Pontello, Moska.

Com os dados recolhidos de eventos, formação de crews e outros acontecimentos, construiu-se uma linha do tempo. Para isso, observa-se que a LDM promoveu diversos eventos, levando a linguagem do graffiti para os mais diversos cantos da GV, também foram realizados eventos pela BCL crew, AQI. Outros momentos que notáveis como a mostra do documentário do filme *Pixo* e a vinda d’Os Gêmeos em exposição despertaram algumas atitudes na cena como o surgimento de inúmeras crews e o pertencimento da cidade. Além da preocupação de documentar o graffiti com os curtas Ponto de Vista, em 2006, No Olho da Rua, em 2008 e o documentário A Febre gravado em 2014 e 2015. Outro fato que incitou o movimento foi a lei que pune pixadores em 7 mil reais, que dessa forma a mídia ao combater ajudava na divulgação desse contexto.

Apresenta-se de modo a contemplar o recorte temporal da pesquisa, uma linha do tempo com eventos e fatos que conseguiu-se reunir com os dados coletados que ocorreram nesse tempo.

LINHA DO TEMPO

2005 – II Mutirão Ao Vivo e a Cores; Formação da Atos-crew

2006 – III Mutirão Ao Vivo e a Cores; Emético zine #3; JAMSKT SENSSESSION; Documentário Ponto de Vista; Formação da Mutantes-Crew.

2007 - IV Mutirão Ao Vivo e a Cores; I Encontro Estadual de Graffiti; Emético zine #4 // I Hip Hop e arte; Domingueira Hip-Hop; Black Books; +Tinta; Formação das crews Por um Mundo Melhor - PMM e Divisão 39 - D-39.

2008 – VI Mutirão Ao Vivo e a Cores; Emético zine #5; I Encontro Nacional de GraffitiArt; Domingueira Hip-Hop; Documentário No olho da Rua; Tudo nosso - Encontro de Graffiti.

2009 – VII Mutirão Ao Vivo e a Cores. Emético zine #6 Formação da Conecrew - Cachoeiro ES.

2010 – VIII Mutirão Ao Vivo e a Cores; Semana do graffiti; Formação das crews Força Gravitacional – FG,Levi Casado e Urbanistas.

2011 – IX , X e XI Mutirão Ao Vivo e a Cores; Semana do graffiti ES; Documentário Pixo; Exposição dos Gêmeos. Formação do Coletivo das Mina e Os belengos crew.

2012 - Projeto Latinta; I Filial Graffiti; Pontos de Arte. Formação das crews Jacaraípe 27 - JK27krew, Kanabis - KNBS, Zona 2, Oustros, GDT, 2d e Retomada da Comando Jardan – CJ.

2013 - Jornadas de Junho; II Filial Graffiti; Lei que pune pixadores; Formação das crews Imagine – IMG, Atentados, Esseesse - SS e Matéria.

2014 - Reú da Ponte; Criação da Vício de Escrever; Gravações do documentário A Febre; Formação das crews Lepo Lepo Crew, V15 e Epidemia
2015 –Reús do Rosário e Centro de Vitória - CDV, Formação da crew Insônia.

A maioria dos eventos que seguem na linha do tempo tem características da linguagem estética do graffiti, do seu suporte e com os integrantes da cena do graffiti. Para tal, alimentou a cena de maneira a cobrir a cidade com arte e criando então certa afetividade. Paralelamente, esses eventos ao ocorrer com patrocínio, disponibilizam-se tintas látex e sprays, o que favorece na cena da pixação tendo esses materiais à disposição.

A crew LDM contando com Fone e Alecs como principais executores de eventos de graffiti no ES, realizaram: O Mutirão ao Vivo e a Cores tendo 10 edições pela GV, pelos bairros: Jardim da Penha, Maria Ortiz, Ilha do Príncipe – Vitória; Laranjeiras, Maringá, Jardim Carapina, em Serra; Barra do Jucu, em Vila Velha; Bairro Industrial - Viana, Bela Aurora em Cariacica. Além disso, produziram: +Tinta, em 2007, anunciando o lançamentos da Emético Zine, com exposição de latas customizadas; Domingueira Hip-hop, em Jucutuquara, que convidava grafiteiros para pintar durante o evento; Black Books - evento em que convidou os escritores para a troca de desenhos que ocorreu na sede da loja de Fone; Semana do Graffiti, em 2010 e 2011 no Bairro Eurico Salles que promovia moda e arte urbana; Projeto Latinta, em 2012 . A LDM ainda lançou 6 Fanzines¹⁹ sendo a primeira Zine de graffiti do ES. A crew formada na cidade da Serra, tendo o hip-hop como influência direta para o graffiti, tendo Fone como mestre de cerimônia - MC e Alecs Power dançarino de break, então, seus eventos são relacionados com essa cultura acontecendo breaking, beatbox, freestyle. DJ's.

O Encontro Estadual de Graffiti, em 2007, realizado por Aqi, na Ponta da Fruta, em Vila Velha, contou com o apoio do comércio local e angariou mais de 50 auxílios. Na Emético Zine #4, AQI relata sobre como foi o dia e que reuniu grafiteiros de outros estados, contou com batalhas de MC's com trio elétrico. Em 2008, AQI, tentou realizar outro evento I Encontro Nacional GraffitiArt contando com mais gente ainda e anunciando no cartaz mais de 300m de muro disponível, 85 artistas com presença de 7 outros estado e fora do país, além de contar com o apoio da prefeitura de Vila Velha, tendo patrocínio da Rodosol e exatamente no dia do evento a prefeitura impediu que o evento acontecesse, ocasionando a mudança para pintar na Barra do Jucu. Esses dois eventos, foram relatados pelos entrevistados como relevante pois, marcaram em suas memórias o aumento dos grafiteiros.

A BCL- crew realizou eventos como o I Hip Hop Arte, em 2007, na Emético Zine #4, Ficore relata como foi o dia, que teve participação com mais de 20 escritores, enunciando assim expressividade para a cena, também aconteceram o Tudo Nosso - Encontro de Graffiti e Cambóris - Evento de Rua, todos em Vitória – ES. Eventos ligados ao hip-hop unindo break, rap, skate e streetball. Em Cachoeiro do Itapemirim, 2006, Moska e Galow fizeram algumas inserções em eventos de skate e hip-hop e nessa fase que a C301 articulava-se começando a ganhar notoriedade na cidade sendo noticiados nos jornais locais.

Em 2011, Gimenes (2015) relata ter assistido o documentário *Pixo* de Djean Kripta, militante da pixação e representante dessa cena em São Paulo, o longa retrata o movimento do graffiti em SP, sendo referência nacional e mundial nesse contexto. Kripta veio a convite de Fone para a exibição, que relatou ter sido a primeira Mostra de filme Nacional sobre graffiti no Brasil. Esse dia foi de grande inquietação e se mostrou de grande estímulo, com o depoimento de Devil: ”no dia seguinte, você via Vitória toda rabiscada, quem tinha uma lata da

¹⁹Publicação informal de revistas feitas por amadores ou não direcionada para um devido público.

tinta na mão nesse dia, voltou pra casa com a lata vazia”. Kripta permaneceu por um tempo em Vitória e fez várias inserções de seu nome pela GV. Em 2012, houve um reflexo sobre essa mostra com a explosão da formação de crews nesse ano.

Também em 2011, Os Gêmeos, expuseram em Vila Velha no Museu da Vale, além disso, fizeram algumas intervenções pela GV, inserindo-se em locais privilegiados como a 3a. Ponte, local onde DGL da MutantesCrew fez uma intervenção com um dos personas dOs Gêmeos, inscrevendo DGL e “Pra Rua”. O movimento do graffiti ficou aguçado com essas intervenções dos Gêmeos e também serviu como um estímulo no relato de Somall revela-se: “foi tipo um sacode, a galera de fora vem e pega os picos mais da hora” o que relaciona sobre a cena em trânsito, quando Pontello conta ao chegar de São Paulo para morar em Vitória “que muro não faltava, tinha muito espaço”. Em um evento, em uma escola da Serra que os Gêmeos pintou e reuniu a maioria dos grafiteiros da época como Moska, Gentil, Ficore, Fone, Somall entre outros.

Outro fato envolvendo a ética no graffiti é questão do atropelo²⁰ do BRTZ componente da D39 e Mutantes Crew que na noite do rolê, pintou por cima de um dos maiores muros que Ren - componente da LDM tinha feito, surtindo retaliação de Ren escrevendo ‘VERGONHA’.

Em 2012 surgiu uma proposta chamada Pontos de Arte que foi aprovado pelo edital de cultura de estado de autoria de Maiara Dias, que era trazer a arte-intervenção em 60 pontos da cidade que contou com 48 artistas a maioria grafiteiros. Este projeto além de contar com esses 60 pontos ganhou olhos para o vandal e que pontos que não eram programados para pintar foram pintados, GIMENES (2015). O que visou acrescentar este evento foi o ato da prática ilegal que surgiu com os pontos que não foram programados pela proponente, o caráter proposto do graffiti.

As Jornadas de Junho, em 2013, deixou sua marca nas principais vias de Vitória, mapeando o local das manifestações cheias de pixações de cunho político – característica das jornadas em todo o país. Por mais que o graffiti tenha essa manifestação efêmera ainda podemos encontrar no percurso das manifestações as pixações que sobraram OLIVEIRA (2015).

Outras manifestações sobre comunicações que o graffiti capixaba fez foi com a Lei que pune pixadores que sancionou multa de 7 mil reais em 2013 e que também previa detenção .também realçou os ânimos que também surtiu uma reação em que tenta refletir como a ilegalidade do graffiti é tratada como perigosa pela justiça.

5- Conclusões

Após o ano dessa pesquisa, muitos outros eventos aconteceram na Grande Vitória o que evidenciou a existência de uma cena que está crescendo e articulando. Para tal, Gentil relata: “a gente se perguntava quando teria uma cena do graffiti e que isso só aconteceria no dia em que eu olhar um pixo e não reconhecer o dono, aí sim, vai ter uma cena de graffiti formada” e hoje é exatamente assim que percebemos a cidade com o elemento graffiti fazendo parte da paisagem urbana do estado.

O graffiti capixaba ainda é pouco explorado na academia, tanto por se tratar da efemeridade quanto da própria cena que se desenvolve buscando uma identidade. Apresentou-se então uma historiografia de alguns sujeitos, tendências, poéticas, fatos e casos que atuaram nesse recorte, e que, por se tratar de transmitir uma história pode se mostrar incompleta.

²⁰Ato quando um grafiteiro pinta por cima do outro.

6 – Referências Bibliográficas:

- Almeida, Jullia. “Textualidades Contemporâneas - palavra, imagem, cultura”. Edufes. Vitória. 2012.
- Bissoli, Daniela. “Grafite e Urbanidade: Insurgências em Vitória - ES”. II Seminário Internacional sobre Arte Público enLatinoamérica - Arte Público y Espacios Políticos: Interaciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas”. Volume II. C/Arte Projetos Culturais. Vitória - ES. 2011.
- Bourdieu, Pierre. “Les Sens Pratique”. Paris. Minuit. 1980.
- Canclini, Néstor García. “Culturas Híbridas”. Edu-SP. São Paulo. 1997.
- Eco, Humberto. “A história da Feiúra”. Editora Record, Rio de Janeiro. 2007
- Gil, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- Gimenes, Maria Eduarda Caseira. “Trajetórias urbanas: circuitos da sociabilidade juvenil no graffiti” Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais. Orientadora Prfa Dra. Sandra Regina Soares da Costa Martins. Vitória. 2015. 80p.
- Junge, Jonatha. Santos, Cesar Floriano. “Mídia e Arte na metrópole - Estudo sobre a paisagem urbana de São Paulo após a Lei Cidade Limpa”- II Seminário Internacional sobre Arte Público enLatinoamérica - Arte Público y Espacios Políticos: Interaciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas”. Volume II. C/Arte Projetos Culturais. Vitória - ES. 2011.
- Lassala, Gustavo. Pichação não é Pixação. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.
- Macedo, Érika Sabino, Pelos Muros da Cidade – Uma leitura de imagem do Graffiti de Vitória, Vitória: Phocus, 2016.
- Machado, Telma Patrícia Abreu. “Graffiti Girl - Contributos para uma identidade feminina no contexto da produção de graffiti e de streetart em Portugal”. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Design da Imagem. Universidade do Porto. Portugal, Orientador Dr. Heitor Alvelos. 102p. 2011.
- Oliveira, J.P.N. O documentário “A FEBRE”, 2015, 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2015. [Orientador: Prof. Cléber Carminati].
- Souza, Ana Lucia Silva Sousa. “Letramento de reexistência - poesia, grafite, música dança: hip-hop” Editora PARábola, São Paulo, 2011
- Zaidler, Waldemar. “Arte Pública e Arte de Rua - graffiti versus grafite, II Seminário Internacional sobre Arte Público enLatinoamérica - Arte Público y Espacios Políticos: Interaciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas”. Volume I. C/Arte Projetos Culturais. Vitória - ES. 2011.

Figura 3 - Basi e Moska. Fonte: Acervo Basi.

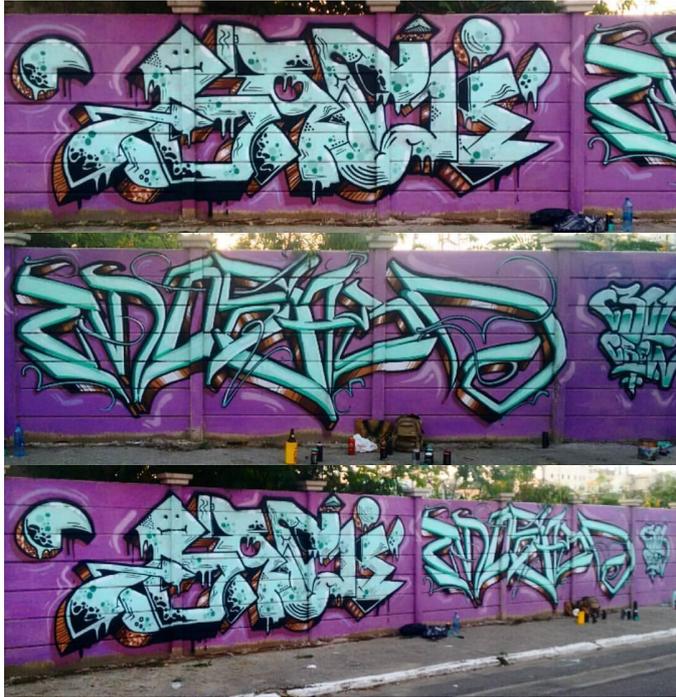


Figura 4 - Personas. Fonte: Gentil.

Figura 5 - FlyerReú da Ponte. Fonte: Vício de Escrever.



Figura 6- Agenda Reú Vício de Escrever. Fonte: Acervo próprio

Figura 7 - Agenda em Muro. Fonte: Vício de Escrever



Figura 8 - Flyer 1o. Encontro Estadual de Graffiti em Vila Velha. Fonte: Luciano Aqi.



Figura 9 - Flyer 1o. Encontro Nacional de Graffiti Art. Fonte: Fone.



Figura 10 - 1 hip-hop arte. Fonte: Ficore.



Figura 11 - Jam sktSensation. Fonte: Moska.



Figura 14 -graffitiDgl e Gêmeos. Fonte: Brtz

Figura 16 - Atropelo de Brtz. Fonte: Brtz

